

ens, fez tocar as sirenes. Está perto o limiar insustentável

panela de pressão



Verdades escondidas

As estatísticas estão longe de dizer tudo. Para o bem e para o mal. Por um lado, “não é verdade que 30% dos jovens em Portugal estejam desempregados”, adverte Lia Pappámikail, investigadora do Observatório Permanente da Juventude, que faz parte do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. “Esse valor é calculado com base nos jovens (até aos 24 anos) que fazem parte da população ativa, o que corresponde a um terço”. Ou seja, só 10% dos jovens em Portugal estão desempregados. “O que não deixa de ser gravíssimo.” Os outros estão a estudar. Ou estão inativos. Ou não estudam nem trabalham. Por outro lado, “há zonas cinzentas, que não são explicadas pelas estatísticas”, admite Pappámikail. “Há muitos jovens que trabalham mas nada sabemos da qualidade dos seus empregos. Quantos jovens qualificados não estarão em *call centers*? E há os que estão fora de qualquer estatística. Conheço jovens que trabalham em cafés e que não passam qualquer recibo”. Luísa Oliveira, cientista no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, onde é especialista em trabalho e coordena um projeto sobre inovação empresarial, enaltece a iniciativa da Comissão Europeia em dedicar €22 mil milhões para o combate ao desemprego juvenil em Portugal e mais sete países, mas vai dizendo que “o problema de fundo mantém-se e esse é o problema estrutural do nosso tecido produtivo”. A investigadora diz que Portugal apresenta “taxas de desemprego juvenil de longa duração relativamente elevadas, o que é muito preocupante” e mostra “incapacidade de absorção do desemprego”. Tirar jovens das estatísticas rapidamente é fácil, mas só se cria “emprego propriamente dito através de medidas de política dirigidas para a modernização das empresas. Isso leva tempo”.

MICAEL PEREIRA

não suja as mãos, por mais que queira

O problema é que as formações profissionalizantes mais longas que existem (cursos profissionais, de aprendizagem e educação e formação de adultos) estão vedadas a quem já tem mais do que o 12º ano. O que é um absurdo, alega Eva. “Quem termina um curso profissional fica com uma certificação profissional e pode concorrer ao superior. Se isso acontecer, o resultado será o de um técnico com carta profissional que se torna licenciado. Que diferença faz que eu, licenciada, tire um curso profissional? O resultado não é o mesmo?”

O presidente do Instituto de

Emprego e Formação Profissional (IEFP), Octávio Oliveira, esclarece que os licenciados podem sempre frequentar formações modulares, que permitem adquirir competências profissionais noutras áreas. Mas reconhece que não está prevista a hipótese de uma pessoa com habilitação superior fazer uma outra formação mais longa e de nível inferior.

“Estamos a falar de alguém em quem a sociedade já investiu, e utilizando recursos na sua valorização. É uma questão de equidade e gestão de meios. Mas admito que deva ser equacionada e pensada. É um problema que até há bem pouco tempo não ti-

nha a dimensão que hoje tem”, esclarece Octávio Oliveira.

Sem saber disso, Eva, que mora na Maia, foi tentando tudo, sempre com um não como resposta. “Não lhe será possível frequentar o curso de aprendizagem de Mecatrónica Automóvel de nível 4, dado ser licenciada, ou seja, detentora do nível 6”, respondeu-lhe do IEFP.

Call center e salário mínimo

Antes já tinha tentado o Centro de Formação Profissional de Reparação Automóvel. Disse-lhe que podia fazer as tais formações modulares, mas que não

tinham aberto por falta de verbas. Restava o curso de Formação de Formadores. “Permitir-me-ia ser formadora de Mecatrónica nos cursos que me são vedados. Expliquem-me que iria aprender tudo o que é ensinado nos cursos de formação inicial. Mas que não iria ter a carteira profissional de Mecatrónica. Apenas a de formadora” — não pode ser mecânica, mas poderia formar mecânicos. Foi bater à porta de uma escola secundária. A recusa de inscrição num curso profissional repetiu-se por já ter o 12º ano.

“O que pretendo é ser mecânica numa oficina. Não quero o ordenado de engenheira. Quero

especializar-me em restauro de carros antigos, trabalhar numa área prática nem que seja a mudar óleo. Um licenciado não suja as mãos, por mais que queira”, lamenta.

O percurso de Eva começa como o de tantos outros licenciados que não encontram emprego (são já mais de 60 mil). Licenciada em Filosofia, pela Faculdade de Letras do Porto, o primeiro emprego que arranjou foi num *call center*. Seguiu-se um trabalho num centro de línguas, onde tanto era explicadora como rececionista. Até que a crise bateu à porta da empresa e foi dispensada. Está há seis meses desempre-

gada. Não por ser esquisita a procurar trabalho. Já concorreu para a linha de produção numa fábrica. Foi recusada logo no princípio da entrevista, por excesso de habilitações.

Na semana passada, respondeu a uma oferta para ajudante de mecânico, trabalho de segunda-feira a sábado e €485 de salário. Está disposta a aceitar e ficar com menos do que ganha hoje com o subsídio de desemprego (vai ter despesas de transporte). “Pode ser um sonho impossível mas, no futuro, não quero olhar para trás e ver que não tentei.”

ISABEL LEIRIA

ileiria@expresso.imprensa.pt